

# Baker pede que parceiros reduzam juros 201

Reuters



O secretário dos EUA, defendeu as importações

**Washington** — O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker III, discursou ontem na assembleia conjunta anual do FMI-Banco Mundial (Bird), pedindo que os grandes parceiros de seu país baixem as taxas de juros para estimular suas economias e aumentar as importações de produtos norte-americanos.

Na semana passada, Baker pediu ao Japão e à Alemanha Ocidental, que mantêm grande superávit comercial com os Estados Unidos, para expandirem suas economias, de modo a atrair maior volume de importações. Essa medida iria ajudar os Estados Unidos a reduzir seu déficit comercial na casa dos 170 bilhões de dólares anualmente.

«Nações com superávit... devem animar a demanda doméstica para um crescimento mais rápido. Alguns desses países parecem já estar dando passos para garantir o crescimento, embora não tão rapidamente como os desequilíbrios comerciais possam necessitar», disse Baker.

Por outro lado, o México e os bancos comerciais chegaram a um acordo, em princípio, sobre empréstimos de 58 bilhões 300 milhões de dólares, e sobre um pacote de 6 bilhões em

dinheiro novo.

O discurso de ontem de Baker mostrou o mesmo tom dos discursos pronunciados ontem pelo presidente Reagan e pelo presidente do Banco Mundial, ambos também na reunião conjunta FMI - Bird, enfatizando a necessidade de crescimento mundial para superação dos desequilíbrios comerciais e como estratégia para permitir que os países endividados, mediante maiores exportações, possam pagar os compromissos da dívida externa.

O FMI tem ajudado os países devedores com créditos de emergência a curto prazo, enquanto o Banco Mundial empresta a longo prazo, mas com os créditos especificamente destinados a programas de desenvolvimento ou a reajuste econômico.

No ano passado, Baker lançou um plano que leva seu nome, prevenindo maior volume de crédito do Banco Mundial para 15 países endividados, que receberiam ainda dinheiro novo dos bancos comerciais, estes praticamente sem emprestar dinheiro ao Terceiro Mundo desde a crise mexicana de agosto de 1982. O acordo assinado com o México pode marcar uma reversão dessa tendência.